

UMA RELEITURA DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NO PENTECOSTALISMO: CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS POSITIVAS DE UM ENSINO TEOLÓGICO

A RELEASE OF THE THEOLOGY OF PROSPERITY IN PENTECOSTALISM: POSITIVE SOCIAL CONTRIBUTIONS OF A THEOLOGICAL TEACHING

Moyes Naftali Leal Quitério¹

Resumo: O presente artigo busca analisar os aspectos positivos da teologia da prosperidade dentro do pentecostalismo. Nesse sentido, temos a tendência de perguntar e responder o que é esta teologia, porém esquecemos o seu significado para o indivíduo. Assim, na corrente leitura é realizada uma distinção entre os “vendedores e os consumidores”. O texto tem por base um diálogo com o professor Dr. Paul Freston e uma pesquisa bibliográfica a respeito deste tema, tendo como ponto central a riqueza do ouvinte subjacente, onde o fatalismo econômico é implacável. O texto têm resultados positivos que vão desde o efeito das mulheres ouvintes da teologia da prosperidade à esperança e dignidade de ouvintes pobres.

Palavras-chave: Teologia da Prosperidade; Pentecostalismo; Neopentecostalismo; Ciências Sociais; Ciências da Religião.

Abstract: The present article seeks to analyze the positive aspects of prosperity theology within Pentecostalism. In this sense, we have a tendency to respond and respond to what is this theology, more its organization for the individual. Thus, in the current reading a distinction is made between "sellers and consumers". The text is based on a dialogue with Professor Dr. Paul Freston and a bibliographical research on this topic, focusing on the richness of the underlying listener where economic fatalism is relentless. The text has positive results ranging from the effect of women hearing the theology of prosperity to the hope and dignity of poor listeners.

Keywords: Prosperity Theology; Pentecostalism; Neo-pentecostalism; Social Sciences; Sciences of Religion.

Artigo submetido em 06/01/2019. Aprovado em 15/05/2019.

¹ Teólogo e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. moysesl@icloud.com



Introdução

O pentecostalismo tem chamado a atenção da academia e das mídias nas últimas décadas. No Brasil, trata-se da maior comunidade pentecostal do planeta, sendo praticamente uma a cada sete pessoas no país, segundo o último censo (2010). Um movimento com um pouco mais de um século de existência que adentrou com facilidade nas camadas sociais mais pobres. O Brasil é parte integrante desde o início do fenômeno pentecostal e seus desdobramentos. Regina Novaes (2001) aponta que a história das duas primeiras instituições pentecostais que se atracaram no Brasil ocorreram simultaneamente com a formação do pentecostalismo norte-americano. Não demorou muito para esse grupo religioso minoritário ganhar rapidamente os sertões e o acompanhamento industrial. Emerson Giumbelli (2012, p. 300) acrescenta que mais tarde, no Brasil “tornou-se consensual a constatação de que o crescimento dos pentecostais não ocorreu apenas no número de adeptos, mas também através de uma proliferação institucional”.

A pentecostalidade se apresenta como uma metamorfose constante. Novaes (2001) disserta que foram os diversos paradigmas para tentar assimilar o crescimento do fenômeno no Brasil. A Igreja Católica na década de 1960 e 70 encomendou várias pesquisas para compreender as razões de conversões dos católicos à pentecostalidade. Novaes, aponta que não faltaram estudos para responder desde o “atraso” da América Latina, o êxodo rural, o crescimento das metrópoles e até mesmo pensadores advindos do campo teórico marxista em que o pentecostalismo reforçava uma ideologia dominante, impedindo a emergência de uma consciência de classe. Segundo ela, os diagnósticos de alguma forma convergiam, ou seja, todos os estudos realizados tinham uma verdade fragmentada. Entretanto, Novaes (2001, p. 65) pede para nos atentarmos aos “mecanismos, valores, ambiguidades e sentimentos que foram socialmente construídos ao longo de nossa história econômica, política e cultural”.

O “evangelho da prosperidade”, às vezes chamada de teologia *name it and claim it*², que denominaremos como Teologia da Prosperidade (TP), tem sido uma ferramenta para alavancar fundos ou enriquecimento de igrejas. Agora, a TP que era somente utilizada por instituições pentecostais³ mais recente — o neopentecostalismo — começaram a exercer uma

² Tradução: Escolha é sua.

³ Embora empregue o termo “pentecostal” em praticamente todo o texto, grande parte de minhas afirmações refere-se ao campo neopentecostal, contudo, vez ou outra utilizarei a tipologia empregada para definir um pentecostalismo mais moderno. O neopentecostalismo foi uma tipologia criada na academia com o intuito de



influência hegemônica sobre a pentecostalidade. E a medida que o movimento pentecostal avançou demograficamente, essa teologia ganhou um grande campo de atuação no cenário religioso brasileiro.

De fato, o objetivo da(s) ciência(s) da religião não é ajuizar valores teológicos no pentecostalismo e sim, compreender os efeitos desse pertencimento religioso. Contudo, este texto tem o intuito de contribuir para o campo da religião buscando compreender como a TP trabalha com os indivíduos no seu cotidiano, com os inúmeros problemas financeiros, emocionais e que todo ser humano em algum grau enfrenta. O ensino propagado nas mais diversas denominações pentecostais fazem florescer a esperança e um sentido. Portanto, as perguntas que pretendemos responder são: será possível contribuições positivas a respeito da TP? Será tão danoso e perverso esse ensino entre algumas igrejas pentecostais, sobretudo entre os neopentecostais?

Para isso, desenvolvemos esta pesquisa à luz dos métodos e técnicas de referencial qualitativo. A pesquisa bibliográfica foi de extrema importância para nortear o texto, entretanto, percebemos que os textos clássicos do pentecostalismo e da teologia da prosperidade não traziam ao leitor possíveis aspectos positivos desse ensino nas igrejas pentecostais. Foram raros os textos que pudessem retratar os aspectos positivos da teologia da prosperidade usada no pentecostalismo. Os *insights* para construir o texto surgiu a partir de uma contribuição feita pessoalmente do Paul Freston. O objetivo é buscamos uma compreensão uma faceta do ensino teológico no pentecostalismo que tem direcionado o ensino de muitas igrejas pentecostais.

Pressupomos, que a teologia adotada pela maioria das instituições pentecostais poderá trazer contribuições para a ciência(s) da(s) religião(ões). Com isso, mostrar que a catequese disseminada e pregada paulatinamente nos templos pentecostais reside o *modus operandi* do movimento. O ensino dessa teologia que ocorre dentro das pequenas ou grandes paróquias pentecostais, carrega grandes significados para o *ser* pentecostal. Vejamos, as igrejas tidas como pentecostais clássicas começaram na virada do último século a reprocessar seus traços característicos se utilizando de uma pregação mais comercial e dinâmica, efeito social que podemos denominar de neopentecostalização. Giumbelli (2002, p.310) aponta que

esclarecer e acompanhar o rápido crescimento dos neopentecostais na década de 1980-90. Ver mais na obra de Ricardo Mariano (1999); trata-se da sua publicação de mestrado defendida no ano de 1995 na Universidade de São Paulo.



esse processo de neopentecostalização, que se estende pela totalidade do campo religioso revela um “espírito da época” e que traz em seu bojo traços gerais de uma cultura ou sociedade. Isso corrobora mais adiante para uma afirmação de Giumbelli (2002, p.343) onde o “pentecostalismo está constantemente sujeito a reatualizações e recomposições”.

1. Um breve panorama da Teologia da Prosperidade

Ricardo Mariano (1996, p. 29) disserta que o início da TP remota uma perspectiva filosófica (metafísica) do “Novo Pensamento” e que foi “formulada originalmente por Phineas Quimby (1802-66). Quimby, que estudara espiritismo, ocultismo, hipnose e parapsicologia para produzir sua filosofia”. Leonildo Silveira Campos (1997, p. 322) lembra que toda essa linha de pensamento trabalhava com o pressuposto de que as forças mentais e espirituais estão à disposição do ser humano para realizar curas e resolver problemas.

Mais tarde, no final do século XIX, vários pregadores neopentecostais norte-americanos, como Kenneth Hagin, Jimmy Swaggart, Kenneth Copelan, Benny Hinn, T.L. Osborn, dentre outros, tiveram destaque na televisão e no rádio pela sua ênfase na cura divina. O destaque carismático no Brasil ficou sob a liderança de Kenneth Hagin, que, nascido no Texas, em 1917, foi um evangelista batista que se aproximou rapidamente dos pentecostais e mais tarde foi pastor da Assembleia de Deus nos Estados Unidos, onde permaneceu por doze anos. Em 1962, Hagin fundou o seu próprio ministério, marcado por visões, transes, profecias, revelações e experiências sobrenaturais. Segundo ele, tinha “autoridade espiritual” e entre 1950 e 1959 declarou ter encontrado e conversado com Jesus pessoalmente. (MARIANO, 1996).

A combinação da TP está ancorada em três elementos que são comumente ligados. Dificilmente conseguirá ter êxito nesse ensino se não compreendermos a tríade do neopentecostalismo. Tais sistemas são responsáveis por executar diferentes funções necessárias para a sobrevivência teológica. São eles: 1) saúde perfeita; 2) prosperidade material; e 3) triunfo sobre o Diabo e vitória sob quaisquer circunstâncias de adversidades que o cristão possa enfrentar. Giumbelli (2002, p. 303) afirma que “no caso da cura, esta satisfaria as necessidades de uma população confrontada com o aumento de doenças e a falta de atendimento médico”. No exorcismo “serviria para nominar e tornar vulneráveis sentimentos e condições que fazem o cotidiano dessa população (medo, insegurança, perda de referências,



orfandade civil)”, e por fim, “a oferta de prosperidade atenderia os anseios de ascensão social”. Cecília Mariz (1996, p. 186) afirma que os problemas dos pentecostais se explicam em problemas sobrenaturais ou pessoais, ou seja, atribuir a Deus a prosperidade dada ao ser humano.

No Brasil, essa corrente teológica começou a influenciar diversas igrejas, como: Igreja do Verbo da Vida e o Seminário Verbo da Vida (Guarulhos), a Comunidade Rema (Morro Grande), Igreja Verbo Vivo (Belo Horizonte), Ministério Cristo Vive e Igreja Internacional da Graça de Deus, ambas do Rio de Janeiro. Porém, encontrou sua principal anunciadora na Igreja Universal do Reino de Deus, do Bispo Edir Macedo. Esse modelo de igreja progenitora trazida pela Igreja Universal foi lembrada também por Harvey Cox (2015), que destacou a instituição como aquela que mais cresce na América Latina e também em dezenas de outros países. Para Cox (2015), a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) promete a seus membros que, se eles contribuírem generosamente receberão não apenas salvação e saúde, mas riqueza, não somente num mundo além, mas neste aqui. Campos (1997, p. 325) destaca que na Igreja Universal “o cristão deve [...] colocar a sua fé em ação e se tornar um sócio de Deus. Isso é feito quando o adorador se compromete a ‘devolver’ aquilo que é de Deus, ou seja o dízimo.”

Giumbelli (2002, p. 297) destaca que a instituição já tinha seu destaque na academia antes do “chute da santa”⁴ em 1995, mas que após isso atraiu cada vez mais olhares e “dezenas de teses a tomaram, direta ou transversalmente, como tema, mero indicador do número ainda maior de pesquisas a seu respeito”. Para Giumbelli (2002, p. 303), “a Igreja Universal é uma das principais responsáveis pela efervescência que atingiu e revitalizou o campo de estudos sobre protestantismo e pentecostalismo na década de 1990.” Giumbelli entende que o peso dado a IURD como uma instituição neopentecostal foi pelo motivo da academia ter destacada a igreja com dezenas de pesquisas e as tipologias criadas na época começavam a valorizá-la, isolando as igrejas anteriores e a elevando como uma representante mais importante do pentecostalismo moderno. Ainda nesse período a Igreja Universal começou a denominá-la como neopentecostal quando lhe convinha.

Contudo, é necessário destacar que apesar da Igreja Universal ter ganhado esse *status quo* como uma igreja pertencendo a uma nova ramificação do pentecostalismo, o que Giumbelli (2012) destacou como “neopentecostal com orgulho”. A instituição também

⁴ Ver mais na obra de Emerson Giumbelli (2002), especialmente nas páginas 287 a 297.



ganhou um destaque em março de 1996 com a edição da revista da CEBRAP n.44 com o artigo de Mariano (1996), e outros, discorrendo a respeito da TP, tornando-se consensual afirmar que somente a Igreja Universal era a detentora da catequese da TP no Brasil. Mesmo Mariano (1996) afirmando que outras igrejas também utilizassem. Mas devido a visibilidade do bispo Edir Macedo, que se destacava frente a Igreja Universal, ficou evidente que o modelo desse ensino ajudou para enriquecer os pastores e a igreja. Não demorou muito tempo para que outras igrejas pentecostais subsequentes começassem a se valer de alguma forma da estratégia do bispo, ainda que em moldes diferentes na aceitação ou não de objetos, como por exemplo: sal grosso, flor, etc., mas com um discurso mais claro sobre dinheiro nos púlpitos.

Essa nova mentalidade de discurso a respeito da prosperidade fizera com que as igrejas adotassem uma nova linguagem para não mais fazer elogios e nem atribuir graça à pobreza. As instituições pentecostais passaram a rejeitar a pobreza como uma virtude cristã. Mariano (1996) observou naquela época que as igrejas que utilizaram a TP associaram a posse de bens terrenos como a detenção de uma pessoa com maior espiritualidade, um herdeiro preferencial no “reino dos céus” e que é necessário a busca de riquezas e alegrias ainda neste mundo. Giumbelli (2002, p. 306) percebeu essa relação do fiel com a divindade devido ao seu compromisso e afirmou que, portanto, “Deus estaria coagido a cumprir”. Ricardo Bitun (2007, p. 142) corrobora afirmando que:

A Teologia da Prosperidade ocasionou uma forte mudança na visão pentecostal nacional e, até mesmo, correndo o risco de ser demais genérica na visão cristã. O além, vida e salvação após a morte são atraídos e desejados no aquém. Vida após a morte significa, na Teologia da Prosperidade e Saúde, vida terrena, deixando de lado a vida de cruz proposta pelos primeiros pentecostais. O ascetismo (negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo) inverteu-se, enfatizando-se agora o usufruir destas coisas neste mundo, como parte integrante do Cristianismo.

Campos (1997, p. 324-325) corrobora dizendo que o grande problema dessa lógica é que a base desses ensinamentos está nos textos bíblicos, mas que são “apresentados fora de seus respectivos contextos literários e interpretados” na sua literalidade. Um pastor iurdiano descreve “que o cristão somente precisará cumprir todas as exigências com muita fé e nenhuma dúvida que o milagre irá acontecer, o milagre só tem que acontecer”. Para Mariano (1996, p. 32) a TP promove forte inversão de valores no “sistema axiológico pentecostal”,



fazendo com que o cristão enfatize o retorno da fé e esquecendo a mensagem escatológica, um dos temas centrais da Bíblia. Ele destaca que a TP subverte radicalmente a mensagem do evangelho, pois apregoa que os problemas do cristão e/ou falta de coisas boas estão ligados à sua falta de fé, desqualificando seu relacionamento com Deus. Assim, ele destaca que:

Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio primordial de obter felicidade, saúde física, riqueza e poder terrenos. Em vez de glorificar o sofrimento, tema caro ao cristianismo, enaltece o bem-estar do cristão neste mundo. Este bem-estar não será alcançado através da luta coletiva e política

(MARIANO, 1996, p. 32)

Entretanto, Paul Freston (2017) ecoa David Martin e afirma que o pentecostalismo predispõe à independência e iniciativa. Rejeitando o modelo cristão europeu, onde o sofrimento é visto como um exemplo a ser seguido, tornando-se assim, uma antítese. A visão é antológica e paradoxal, buscando a riqueza como propósito divino de Deus e o modelo e valores vistos nos evangelhos como não mais necessários. Giumbelli (2002, p. 306) assegura que o ensino da TP no pentecostalismo busca uma “valorização na mera fruição das posses em detrimento do ascetismo; na abolição das fronteiras com os costumes da sociedade abrangente, sinal de que a rejeição do mundo” passou a não mais fazer sentido.

2. Uma releitura bíblica para a teologia da prosperidade

Para o teólogo tcheco Tomás Halík (2016), o objetivo de uma pregação é supostamente “construir pontes” entre os textos bíblicos com as experiências do mundo presente ao qual aqueles ouvintes estão inseridos naquela comunidade. Partindo desse pressuposto a mensagem da TP busca conectar as duas ilhas da ponte. O indivíduo ouvinte da TP procura o bem-estar estabelecendo em mensagens de textos que fazem sentido, utilizando de uma interpretação literal desses textos com histórias de pobres que se tornaram ricos, tais como os personagens bíblicos: Davi, Daniel, Abraão, Isaac, Jacó, José.

Os diversos personagens bíblicos são os arquétipos ideais para os ouvintes da TP. A mensagem pregada mostra de alguma forma, um Deus que além de ter criado o mundo, permanece em dinamismo e num profundo relacionamento com os seres humanos. Os exílios



que aparecem nas narrativas bíblicas não aparecem como um abandono de Deus, muito pelo contrário. Essa é a mensagem que a TP utiliza para encorajar e dar sentido aos seus fiéis.

A historiadora da religião Virginia Garrard-Burnett (2011, p. 192) discorre uma série de testemunhos da IURD no Brasil, México e Estados Unidos que sustentam a visão da TP. Como por exemplo: “Da pobreza em New York para a propriedade de uma panificadora (fábrica de pão)”, em outro testemunho anunciava honradamente; “casa nova e residência americana”, um terceiro dizia; “eu sou proprietário de um carro novo, através do poder de Deus”. E outro: “hoje, [...] é proprietário de uma fábrica de etiquetas na Barra da Tijuca [uma agradável área de frente para a praia] na zona oeste do Rio de Janeiro. Ela tem um automóvel de luxo e suas três crianças estão no segundo grau na escola”. Todos esses testemunhos em nome da fé que ela submete a Deus.

No Brasil é possível observar uma enorme desigualdade social, um grande hiato entre os ricos e os pobres⁵. Não é difícil observar pessoas carentes de autoestima precisando de otimismo, pessoas que se encontram às encostas das grandes metrópoles com poucos recursos para a melhora pessoal. A TP é um meio atraente para uma igreja pentecostal de um bairro pobre nos arredores das cidades. O jargão que é muito utilizado entre os fiéis é comumente chamado de “benção” que é por sinal associado com a “sorte” dentro do gueto pentecostal. Para Freston (2017) as igrejas que adotam a TP como cerne do seu ensino opera na periferia do capitalismo e geralmente não possui a ética clássica do trabalho e do consumo frugal. Para Reginaldo Prandi (1996, p. 66) “não houve sociólogo que ousasse prever para as religiões reformadas uma descendência que pregasse as benesses do dinheiro e do consumo alcançáveis pela graça divina”, no modelo “da recente teologia da prosperidade”.

Uma pesquisa⁶ realizada em 10 países no ano de 2006 pela *Pew Research Center* tinha como objetivo investigar as visões religiosas, políticas e cívicas dos pentecostais — e carismáticos. A pergunta realizada foi: “Deus concede prosperidade e saúde aos crentes? A pesquisa apresentou que 64% dos brasileiros dos evangélicos acreditavam que Deus concedia

⁵ Para mais detalhes sobre pesquisa a respeito da desigualdade no Brasil, sugerimos os estudos da Oxfam Brasil, a organização faz parte de uma confederação global que tem como objetivo combater a pobreza, as desigualdades e as injustiças em todo o mundo. Eles atuam em mais de 93 países. Segue um artigo a respeito, título: “Nós e as Desigualdades - percepções sobre desigualdades no Brasil”. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/publicacoes/nos-e-as-desigualdades-percepcoes-sobre-desigualdades-no-brasil>>. Acesso em: 06 de maio de 2018.

⁶ O conteúdo integral da pesquisa está disponível em: <<http://pewforum.org/surveys/pentecostal/>>. Acesso em: 04 de julho de 2018.



a prosperidade. Somente os pentecostais — um subgrupo do protestantismo — elevava o número para 83%. E para saúde, 74% para os protestantes e 89% para os pentecostais, curiosamente o país vizinho ao Brasil, o Chile têm indicadores de 28% para os protestantes e 48% para os pentecostais na área da prosperidade.

A partir do resultado dessa pesquisa temos a possibilidade de refletir sobre os números expostos. Quando olhamos para um país vizinho, o Chile, os números destoam muito quando se comparado ao Brasil. Isso representa uma TP sendo amplamente divulgada não somente aos neopentecostais, mas possivelmente um *ethos*⁷ do protestantismo brasileiro. Esse hiato na desigualdade social brasileira acaba se tornando um campo fértil para esse ensino teológico ganhar força em grupos religiosos. Contudo, ainda é preciso dar voz às palavras de Campos (1997 p. 330) em que a TP não é alienadora, no sentido tradicional e marxista do termo. Ela expressa aos seus ouvintes coisas concretas e diz sobre temas como doenças, fracassos, dores e insucesso. “Diz o que eles querem ouvir e lhes ‘vende’ a promessa de uma bênção, que se houver, é crédito para a igreja e, se nada acontecer, é porque não houve fé suficiente”.

3. Uma ‘Economia da Dádiva’

Não resta dúvidas que a crítica da TP reside nos pedidos monetários feito por líderes e pastores dessas instituições religiosas. As histórias que são lidas nas mídias é sempre motivo inquietante e alienante aos fiéis daquela comunidade. São pedidos que vão desde a criatividade na venda de bens simbólicos até a doação de carros e casas. Campos (1997) exemplifica que, na Igreja Universal, um pedido de dízimo da trindade cristã de 30%, sendo 10% para o pai, 10% filho e 10% para o espírito santo e as campanhas realizadas para projetos específicos com a promessa dos pastores que primeiro devem *dar* para depois receber, soam como uma barganha divina. Essa lógica capitalista da TP nos leva às vezes a repudiá-la, sendo um esquema de enriquecimento de instituições e seus líderes travestidos de religião.

Contudo, propomos aqui não um olhar nos pedidos monetários feito pelas instituições e os seus líderes. Paul Freston afirmou em uma conversa com o autor que é necessário

⁷ Tomo *ethos* de Vital da Cunha (2008) em termos de uma forma de pensar e agir na realidade. Ou seja, o *ethos* seria uma perspectiva, uma forma de compreender o mundo, de estar no mundo, uma cosmovisão que orienta a ação e o pensamento dos indivíduos.



observar a diferença entre os “vendedores e os consumidores”, “propagadores e ouvintes”, pois tal distinção geralmente não é feita. Todos os nossos esforços em pesquisas e leituras se concentram nos circuitos midiáticos, lideranças carismáticas e megatemplos das instituições pentecostais. A exposição das riquezas de igrejas e também de alguns líderes eclesiásticos ganham rapidamente o discurso de todas as esferas sociais. Porém, se observarmos por essa ótica encontraremos pontos cruciais à uma discordância da TP.

Os líderes pentecostais que se utilizam da TP não necessariamente possuem megatemplos, destaque nos meios de comunicação ou possuem riquezas pessoais. O censo do IBGE revela que a maior parte dos pentecostais frequentam pequenas ou médias igrejas, e nem sempre possuem seus templos próprios, são igrejas alugadas que às vezes são adaptadas por serem improvisadas em garagens ou salões comerciais em periferias. Os pastores dessas igrejas apresentam aspectos que os aproximam de lideranças comunitárias. Esses pastores conhecem todos os participantes pelo seu nome. Isso mostra que é uma realidade muito diferente que às vezes imaginamos (FERNANDES, 2017).

Outra ponderação que precisamos fazer é que as dezenas de milhares de igrejas que existem espalhadas pelo país, muitas vezes se valem da TP como uma estratégia (de marketing) para sua sobrevivência ou senão aspiram crescimentos modestos de tentar alugar um local maior, comprar um novo instrumento musical, sistema de iluminação ou quem sabe melhorar o salário do pastor. A TP nesse caso, funciona como uma ferramenta para atingir uma obrigação de ordem financeira. Contudo, não adentraremos nas estratégias dessas igrejas pentecostais, pois não alçaremos voos para novas perspectivas.

Para aprofundarmos será necessário que façamos a distinção dos ouvintes ou se preferirmos, dos consumidores. As “senzalas” e as “casas brancas” são aqui distinguidas. Freston distingue como: Ouvinte pobre. Esse ouvinte pobre vive em circunstâncias difíceis, convivem com problemas como a falta de emprego, exploração, saneamento básico, falta de segurança, um típico trabalhador da periferia. O outro ouvinte é o abastado. Apesar de viverem no mesmo país ou cidade, são completamente antagônicos. Seguindo na mesma direção que Freston, ele entende que no âmbito teológico possivelmente não haja diferenças. Porém, quanto aos aspectos sociais talvez existam grandes diferenças. Concentraremos, portanto, em analisarmos o ouvinte pobre.

Isso quer dizer que a TP tem êxito em lugares com maior desigualdade social. E nessa lacuna social que podemos observar a pobreza convivendo com a abundância. Para Freston o



pano de fundo é o do “fatalismo econômico”. Esse tipo de ensino que é amplamente propagado nos microfones das igrejas pentecostais onde ganham abrigos e saídas. Para Freston, toda essa desesperança que o ouvinte pobre escuta como: “não tem jeito para você!”, “você sempre será pobre!”. Causam profundas crises individuais e coletivas, essas frases fazem parte do cotidiano dessas comunidades pobres.

Deixamos também escorrer pelas nossas mãos a percepção e o entendimento que um fiel tem da mensagem pregada. Freston aponta que muitas vezes é entendido de um jeito mais modesto do que realmente é dito, ou seja, a mensagem pregada não é exatamente como afirmada pelo pastor como por exemplo: “Faça tal coisa que você ficará rico”. Consentimos com Freston, que para o ouvinte pobre que recepciona a mensagem na igreja pentecostal, possivelmente aceita de maneira mais simples, como por exemplo: “eu vou ficar um pouco melhor do que eu estou hoje!”, “eu não vou morrer de fome!”, “terei uma pobreza digna!”. Isso mostra que são aspirações bem mais modestas que podemos imaginar.

Concomitantemente, Freston pressupõe que uma TP pregada nos púlpitos das igrejas aos pobres aspira mais para uma humanização. Se pensarmos a respeito desse ensino quem sabe haja uma tolerância maior para uma TP para os menos afortunados. A grande chave para despirmos de nossas lentes é que ocorre algo muito mais significativo do que podemos imaginar na vida do fiel que convive com a desigualdade entre pobres e ricos. Ou seja, uma TP ensinada aos indivíduos pobres dá a chance de sonharem e também de depositarem as suas esperanças em um mundo que não existem espaços. Para Freston, tendo esse olhar sobre essa teologia pode quem sabe proporcionar um pouco de dignidade e esperança.

Freston entende que essa esperança e dignidade perdida pelo fatalismo econômico dá a oportunidade dos ouvintes pobres que não encontraram condições dignas nos estudos para organizarem as suas próprias vidas. E assim, proporcionar mudanças onde realmente conseguem e podem mudar sendo extremamente positivo aos indivíduos. Garrard-Burnett (2011, p. 193) corrobora e afirma que são os “enormes valores práticos em qualquer contexto – eles frequentemente aprendem nas igrejas a respeito de administração de dinheiro e autocontrole”. Mariz (1996 p. 186) destaca a eficiência de igrejas pentecostais – acrescento aqui a TP – em apoiar indivíduos em situações de extrema privação e até crise familiar. Além de tudo isso oferecem rede de apoio mútuo, dando uma “experiência subjetiva de pertença a uma comunidade, de poder e dignidade”.



Outro ponto que podemos destacar é quanto o *dar* dinheiro a instituição religiosa. Ao observar os fiéis ligados à pentecostalidade, percebemos que são generosos em suas ofertas, pois descobrem a importância de doar e em meio a um mundo injusto, reconhecem que aquela oferta ou dízimo é dada de coração. Freston (1993, 2016) e Mariz (1996) acreditam que tais donativos são pacotes de transformações, pois muitas vezes substituem gastos anteriores com remédios e velhos hábitos que antes rondavam o indivíduo, como por exemplo: álcool, jogos, prostituição e drogas. Freston aponta que a doação sempre está ligada a uma racionalização do comportamento econômico, como exemplo disso, as pesquisas mostram que os apelos são sempre filtrados pelos ouvintes.

Contudo, Freston (2017) faz uma elucidação necessária desse ensino teológico. Para isso, ele adjetiva de “TP Nua” e “TP Vestida”. A “TP Nua” se concentra somente em apelos monetários das igrejas pentecostais. A “TP Vestida” é onde o pregador instrui o indivíduo com recomendações concretas de como transformar a sua vida. Para melhor exemplificar o último modelo, Freston (2013) disserta um discurso escutado por ele na IURD: “Não adianta apenas dar o ‘sacrifício’. Você tem que pedir as contas e abrir um negócio, mesmo que seja vendendo pipoca na rua. Como empregado você nunca vai ficar rico”. Ele acredita que nesse sentido a “TP pode ter um efeito galvanizador, transformando hábitos e práticas econômicas, sobretudo na economia informal”. Quero dizer que o pastor vira aqui um consultor de negócios e cria um fiel empreendedor. Se faltar a coragem, a determinação, a instrução escolar ou até o mesmo o dinheiro, Deus providenciará e estará com ele, de acordo com o ensino teológico pregado.

Para Freston (1993, p. 109), a TP pode trazer ao ouvinte participante a coragem que o fatalismo tirou dele. É a partir do momento que ele escuta a mensagem, o ouvinte pobre começa a empreender e acreditar que o sonho poderá ser possível. Isso de fato poderá funcionar. Caso ele tenha êxito no seu empreendimento ou no seu novo estilo de vida, ele ajudará a instituição religiosa que revelou palavras transformadoras, a contribuição monetária que ele dá a igreja é uma forma de agradecer ou se preferir, devolver a Deus.

Mariano (1996, p. 43) também deu voz a David Martin e destaca que o pentecostalismo — incluímos aqui igrejas do movimento que adotam a TP — realça uma arena de exercício de habilidade de expressão, como por exemplo, oratória, organização, propagação e liderança. Eles são estimulados a participarem e ter iniciativa pessoal ao voluntarismo (habilidades e disposições latentes que podem vir a ser aplicadas na administração de negócios ou



transformadas em iniciativa econômica). Essas habilidades dão capacidade de criar estruturas terapêuticas, “inculcando disciplina, sobriedade, honestidade e pontualidade, rejeição ao álcool, o machismo, promiscuidade, dando sentido de valor pessoal e constrói redes protetoras de apoio mútuo”.

A teóloga Rosalee Velloso Ewell (2015) relata que quando lecionava em um seminário para uma igreja no Brasil, procurou refletir uma passagem bíblica da igreja primitiva no livro de Atos. Para isso, ela buscou destacar as implicações econômicas que o texto trazia. Em determinado momento de sua aula, um aluno ergueu o braço e indagou: “Professora, não podemos pregar essas coisas em nossas igrejas.” Aquele aluno continuou: “Há muita pobreza e as igrejas ao nosso redor pregam prosperidades, riquezas e bênçãos — é isso que as pessoas querem ouvir.” Aquele aluno finalizou dizendo que se não pregassem riquezas, as pessoas simplesmente iriam para outro lugar. Velloso Ewell entendeu que o ensino da prosperidade dava esperança e que dificilmente o fiel pobre quer ouvir sobre viver uma vida simples, auto entrega e auto sacrifício não servem para o pentecostalismo.

Para Cox (2015, p. 265) tornar-se pentecostal proporciona às pessoas o “senso de dignidade”. Ou seja, “eles perceberam que são importantes para Deus e para o seu semelhante por serem portadoras de uma mensagem vital, que dá vida”, um senso de estima que é difícil de ser erradicado. O grande desafio para a TP é que ela traz respostas para algumas inquietações do indivíduo que teologicamente são fracas. Freston adjetiva como uma teologia “flexível”. Quer dizer que, em tempos de prosperidade e saúde a TP explica o motivo, o sucesso da igreja e do indivíduo. Esse sucesso terreno é atrelado à fidelidade dele com Deus, que é justificada por sua generosidade com a obra e propósito da igreja, que é a vontade de Deus, segundo o pregador. Em tempos que vai mal, a TP também possui respostas curtas e singelas que geralmente são acompanhadas por respostas políticas, econômicas, aliviando a ansiedade.

4. A Liderança do Indivíduo

As experiências religiosas pessoais dos ouvintes da TP apresentam mudanças significativas. E que, portanto, descortinam novas dimensões que conferem explicações. O pentecostalismo é um campo fértil para transformações individuais. O empreendedorismo e adaptabilidade são características das igrejas. É uma arena de exercícios. Essa *escola da vida*



que o movimento carrega acaba por vez contribuindo no desenvolvimento individual. Contudo, podemos destacar aqui, algumas habilidades que os indivíduos adquirem dentro das igrejas, e que de maneira inconsciente ou não, realçam qualidades para fora dos muros da igreja.

A participação do culto por toda a comunidade é uma característica do pentecostalismo. Essa participação ajuda por exemplo na habilidade da oratória. Christian D'épinay (1970, p. 112) identificou em seus estudos no pentecostalismo chileno que “a comunidade pentecostal oferece alto grau de integração de seus fiéis”. Novaes (1985, p. 23) em sua pesquisa de campo no interior do Pernambuco na década de 1970 mostrou que “na vida religiosa dos crentes à oratória tem um lugar destacado”. Para D'épinay (1970, p. 106) “todo crente é um pregador”. Tais ferramentas ajudam no desenvolvimento de talentos que ora estavam ocultos, a coragem e a oralidade são desenvolvidas dentro da igreja, mas que sutilmente podem ser utilizadas na vida e nos negócios.

Para exemplificar discorrer-se-á de duas histórias recém-apresentadas, a primeira história discorrida por Cox (2015, p. 260-261). Conta-se que por algumas vezes, Cox visitou o Brasil e em uma dessas visitas conheceu uma jovem socióloga de São Paulo, que pesquisava a respeito das cooperativas agrícolas surgidas na época [década de 1980] no Nordeste árido e pobre. Cox discorre que o objetivo dessas cooperativas agrícolas era uma maneira dos fazendeiros se organizarem para comprar sementes e equipamentos e posteriormente venderem de forma coletiva. A jovem pesquisadora socióloga era uma católica leiga e praticante, porém descobriu que os pentecostais, ainda que constituíssem apenas cerca de 10% da população (censo da época), exerciam em sua maioria atividade de liderança. Ela tentou perguntar o motivo da liderança, porém eles não entendiam e davam as costas para essa jovem estudante, mas com a convivência ela procurou compreender o fenômeno que ocorria. Para a jovem pesquisadora, os pentecostais costumavam fazer listas de maneira comum, estavam acostumados a guardar registros das pessoas que convidavam para encontros nas igrejas. Batiam nas portas, e então marcavam os que não estavam em casa, os que aceitaram de maneira favorável, eles retornavam, demonstravam-se rápidos e claros na comunicação. Tais características eram exatamente o que as cooperativas procuravam.

Outro exemplo foi dado por Freston. Ele compartilhou um diálogo que teve com o vice-ministro do interior de El Salvador. O ministro viajava pelo interior do país, visitando os camponeses e para onde ele viajava se reunia com os camponeses a fim de ouvi-los, para



entender os problemas, desafios e preocupações de cada comunidade. Porém, o vice-ministro notava que na maioria das vezes que isso ocorria, os camponeses ficavam de cabeça baixa, não olhavam nos olhos de ninguém e um sempre dizia: “*que hable el evangelico*”⁸. Alguém ali precisava falar, então que fosse o vizinho que era evangélico, pois na mente dele o evangélico sabia falar e tinha mais confiança em público.

Os dois exemplos supracitados descrevem os talentos sendo utilizados não somente na igreja, mas sim nos seus empregos ou em lideranças comunitárias. A coragem é talvez uma característica bem presente no indivíduo pentecostal. A maneira como eles lideram em seus cargos, a coragem de falar, de empreender, com a oportunidade de quem sabe ter um salário melhor. Foram características que sutilmente são destacadas individualmente. Giumbelli concorda com Montes, quando ele afirma que “a teologia neopentecostal [da prosperidade] incorporou o espírito do capitalismo, mas fazendo uma economia da ética protestante do trabalho” (MONTES, 1998, p. 118-120 apud GIUMBELLI, 2012, p. 307).

5. As mulheres e o espaço na Teologia da Prosperidade

No pentecostalismo nunca houve uma disputa tão acirrada para a ascensão da mulher. Muito pelo contrário, as mulheres sempre tiveram um papel destacado no movimento. A presença das mulheres nos cultos sempre tivera grande importância. Diversos autores notaram a presença feminina, Novaes (1985), D’Epinay (1970), Freston (1993), Mariano (1999) e Campos (1997) são alguns dos autores que notaram e dissertaram sobre o tema. A pergunta feita por Campos (1997, p. 392), “Por que as mulheres aderem com tanta facilidade e em maior número que os homens ao movimento pentecostal?” é respondida em uma perspectiva sociológica que vale ser reproduzida:

Psicologicamente talvez, essa sedução do sagrado se explique psicologicamente através da emotividade feminina. Mas, sociologicamente, a mulher, mantida em espaços de inferioridade, sobre os quais os homens mantêm controle, assumem virtudes associadas às classes desprivilegiadas e encontram em rituais religiosos mais ligados às “virtudes femininas”, emoção, magia e sedução, espaços simbólicos para a reversão do quadro desvantajoso para elas, (WEBER, 1991, p.462). Em outras palavras, o lugar inferior dado às mulheres na sociedade brasileira e latino-americana, as

⁸ Tradução: Que fale o evangélico.



impulsionam em busca da valorização numa comunidade de iguais, na qual as emoções possam se expressar com mais liberdade

(CAMPOS, 1997, p. 392)

O encantamento da mulher ao pentecostalismo parece claro até aqui. O movimento soube ler essa necessidade de sua época e acompanhou progressivamente os avanços. Nas últimas décadas o empoderamento da mulher na política, religião, academia, ambiente de trabalho, são alguns dos exemplos de discussão na sociedade.

O pentecostalismo como um produto de seu tempo entendeu rapidamente e aos poucos foi cedendo o espaço para as mulheres. Estava claro que em visitas a centenas de cultos em diversas igrejas pentecostais, as mulheres facilmente ocupavam dois terços ou mais de um culto. Elas atuam praticamente em todas as frentes de uma igreja pentecostal, serviços que vão desde a faxina, passando pela cozinha, entrada das igrejas, cantoras gospel, como ouvinte ou mesmo como grandes líderes/pastoras influentes. Contudo, nossa pergunta ia mais além, qual o efeito da mensagem da TP na feminilidade pentecostal.

Maria das Dores Campos Machado (2001) parece ter compreendido o efeito das igrejas que adotam a TP em sua pesquisa de campo. Ela coordenou uma pesquisa com mulheres da Igreja Católica, Igreja Assembleia de Deus e também da Igreja Universal para discussão coletiva juntamente com uma psicóloga. O grupo de pesquisa contava com aproximadamente cinquenta mulheres. Ficou claro para Machado (2001) que as mulheres pentecostais da Assembleia de Deus liam a Bíblia antes das reuniões, iniciavam o cântico de músicas e curiosamente não questionavam mulheres que choravam em determinados momentos no encontro. As muitas histórias de infidelidade, alcoolismo e pressão psicológica por parte dos cônjuges eram temas frequentes relatadas pelas fiéis. Aquele encontro com as mulheres religiosas, católicas e pentecostais eram como uma oportunidade de orar e clamar a Deus. A cena vivida parecia, segundo Machado (2001), algo frequente em seus encontros.

Contudo, é preciso compreender a perspectiva da mulher iurdiana, pois o uso da TP é frequentemente um *habitus* da instituição. Pierre Bourdieu (2017) desenvolve o *habitus* como um esquema avaliativo compartilhado e quase sempre irrefletidos e inconsciente, e que, portanto, guiam nossa ação e nosso comportamento efetivo no mundo. Entretanto, Machado (2001, p. 82) aponta que as mulheres da Igreja Universal tinham um comportamento diferente, se mostravam mais alegres e relaxadas durante o encontro e os problemas como doenças, financeiros e conjugais pareciam como “um desafio a ser vencido”. As mulheres da



Igreja Universal, tinham a prosperidade também como parte do seu discurso. Porém, com a constatação de Freston, que a prosperidade para classes sociais mais baixas são costumeiramente aspirações mais modestas. Machado afirma que a prosperidade que elas ansiavam eram coisas mais simples como “uma boa comida”, “uma casa com porta e janela de alumínio”, “um carro...”.

Contudo, as mulheres iurdianas se mostraram mais preocupadas com a inserção da mulher no mercado de trabalho, segundo Machado (2001, p. 83). Em sua pesquisa, identifica justamente o estímulo dos pastores da Igreja Universal para que as mulheres conseguissem uma atividade extra, a fim de aprimorarem suas habilidades na cozinha ou na costura. Quatro mulheres que participavam do grupo relataram a produção de salgadinhos e sanduíches e afirmaram que seus pastores ajudaram com palavras. Machado discorre:

A Teologia da Prosperidade divulgada pelos líderes religiosos na mídia serve de estímulo não só para aqueles que se veem sem chances no mercado de trabalho, mas atua como motivação também para a complementação de renda e para a expansão da capacidade de consumo do grupo familiar.
(MACHADO, 2001, p. 84)

Para Machado (2001, p. 84), essas orientações transmitidas pelos pregadores a capacidade de transmitir uma importância ainda maior. Freston atribui essas orientações como “TP vestida”, onde o pregador prescreve ao indivíduo como transmutar suas vidas, são recomendações simples, mas que têm enormes condições de transformações individuais. Machado, em seguida destaca os números do Brasil em que os 20% da população mais rica corresponde por 63% do consumo. Em contrapartida, os 20% da população mais pobres só cabem a consumir 2,5%. Além disso, precisamos levar em conta o nível baixo de escolaridade e financeira, e que, portanto, mesmo com esse fatalismo econômico a TP estimula intensamente o consumo.

Machado (2001, p. 85) não finaliza suas anotações somente a respeito do empreendedorismo das mulheres iurdianas. O seu olhar treinado consegue captar ainda a capacidade na “concepção da saúde feminina que abrange o cuidado com o corpo e com a aparência física.” Em um dos relatos na pesquisa de campo, Machado (2001, p. 86) reproduz um trecho da conversa: “ele [pastores] falava para os maridos darem dinheiro para as mulheres irem no salão de beleza fazer a unha e o cabelo...isso mesmo”, ela prossegue “que



em vez de gastar dinheiro na rua o marido deveria era ajudar a mulher a ficar bonita e feliz para ele [...] dizem mesmo que a mulher tem que estar sempre bonita, cheirosa e alegre”.

Pudemos perceber que as mulheres da *prosperidade* valorizavam não somente o jargão de uma “mulher de Deus”, mas buscam a inclusão de diversos temas, como a valorização da mulher na vida familiar, a inserção no mercado de trabalho, além de mostrar mais alegres e relaxadas, o embelezamento e cuidados com a saúde e o corpo é um outro aspecto para também compreendermos a mulher da TP. A TP vestida mencionada por Freston acima, tem ajudado no encorajamento para diversos aspectos costumeiros de suas vidas.

Considerações Finais

À primeira vista, a TP parece como um ensino moderno duvidoso e desde o início se apresentou também como um modelo invertido. O modelo de um cristão rico e com boa saúde parece ser um desejo de muitos pentecostais. Garrard-Burnett (2011, p. 193) conclui que “torna-se atraente repudiar a teologia da prosperidade como nada mais do que um esquema para enriquecimento rápido revestido de trajes religiosos.” Contudo, o texto procurou mostrar que a TP tem um significado profundo em países com desigualdade social. O Brasil, portanto, torna-se uma excelente arena de exercícios para as igrejas pentecostais adotarem esse ensino.

Contudo, quando mencionamos as igrejas pentecostais não estamos apenas se referindo às grandes igrejas com seus megatemplos, muito pelo contrário. O censo mostra que a maioria dos pentecostais frequentam pequenas e médias igrejas. Nem sempre a utilização da TP como o cerne da visão de uma instituição leva ao sucesso do pastor em conseguir uma mega-igreja. Vimos, que as instituições pentecostais são bem mais modestas, assim como os seus pertencentes. É verdade que a TP se torna um produto religioso para a igreja e o seu pastor, como um meio de angariar fundos para despesas e gastos da instituição. Contudo, Fernandes (2017) entende que a maioria dessas igrejas pentecostais instaladas nas periferias das cidades se mostram como uma realidade diferente que imaginamos. Esses pastores não são os mega-pastores com suas respectivas mega-igrejas e os seus *holdings da fé*. São “lideranças comunitárias” e seus pastores atuam na comunidade, que reconhecem por nome seus fiéis.



O pentecostalismo como um produto de sua época, com um pouco mais de um século compreendeu essa necessidade, e o neopentecostalismo em sua alomorfia, se apresentando como uma reatualização mais moderna, tendo seus traços realçados pela Igreja Universal rapidamente se destacou, Giumbelli (2002) apontou como um “espírito da época” de uma cultura e sociedade. Freston parece seguir na mesma direção que Giumbelli e afirma que tal ensinamento tenta responder às mudanças socioeconômicas e culturais de países. Essa adaptabilidade do pentecostalismo é de fato uma característica peculiar do movimento que pode mudar de acordo com as necessidades de sua época.

No entanto, é preciso admitir que a TP tem enormes valores práticos, tanto para pentecostais ricos quanto para os pentecostais pobres — concentramos nossas análises nos indivíduos pobres. A TP nos países com uma enorme desigualdade social, no caso o Brasil, é enxergada pelos indivíduos como uma *escola da vida* e dá o engajamento em muitos sentidos que não foram atendidos pelo Estado, como o que foi citado por Giumbelli, medo, insegurança, perda de referências, orfandade civil, medo, insegurança, indo em direção também a administração de dinheiro, ora estimulando o consumo ora usando com responsabilidades. A TP pode ensinar certos talentos que inicialmente são usados dentro do meio religioso, mas que podem ser aproveitados na vida pessoal ou no mundo dos negócios de cada indivíduo.

Outro aspecto importante destacado por Freston (2017) é a recepção da mensagem feita pelo ouvinte. “Elas não são vítimas indefesas que caíram na armadilha”. Quando o pastor (propagador) diz *riqueza* como um discurso de sua narrativa, não necessariamente os fiéis (ouvintes) entendem de sua forma. Freston aponta para algo mais simples como dignidade, conforto e segurança, ou como no caso das mulheres iurdianas mostrada por Machado (2001) que entendiam prosperidade como “uma boa comida”, “uma casa com porta e janela de alumínio”, “um carro...”.

Quanto às mulheres, vimos que a TP iurdiana gera alguns estímulos que ora não foi encontrado nas mulheres pentecostais clássicas, como por exemplo, a Assembleia de Deus e nas mulheres católicas, como mencionou Machado (2001). As mulheres iurdianas com sua TP possui um *habitus* diferente. Que vão desde o empoderamento ao embelezamento feminino. A preocupação com a inserção no meio de trabalho foram assuntos constantemente discutidos. As palavras de encorajamento dos pastores para venderem salgadinhos, roupas, chinélos entre a própria comunidade, estimulando assim uma econômica entre a irmandade.



As preocupações com a saúde e a estética também eram pautas da discussão. Pastores eram lembrados em falas pelas mulheres onde exortava aos maridos à darem dinheiro para as suas mulheres ficarem “mais bonitas e cheirosas”.

A reflexão proposta neste trabalho, como vimos não é condenarmos essa corrente de ensino, o grande desafio foi observar a TP como também uma forma do crescimento do pentecostalismo frente ao capitalismo. Temos a tendência de perguntar e responder o que é a TP, porém esquecemos o que ela significa em uma sociedade doente e não perguntamos o que ela representa para o pobre condicionado ao fatalismo. Um ensino que de alguma forma traz à tona a fé e a esperança, como uma luz em um mundo às escuras, oferecendo ao indivíduo a possibilidade de ver a realidade não só a partir de uma única perspectiva, mas também a partir do seu próprio ângulo, por assim dizer.

Referências

BITUN, Ricardo. *Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e continuidades no Campo religioso neopentecostal*, Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Paulo, 2007. 200 p.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Editora Zouk. 2ª ed. 4ª reimpressão. Porto Alegre, 2017.

EWELL, C. Rosalee Velloso. *Can We Offer a Better Theology? Banking on the Kingdom*. Revista Lausanne Movement, 2015.

FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da constituinte ao Impeachment*. 03/12/1993. Tese Doutorado em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. 303 f.

_____. “Pentecostalism in Brazil: A Brief History”, *Religion*, 25, p. 119-133, 1995.

_____. “As Duas Transições Futuras: Católicos, Protestantes e Sociedade na América Latina”, *Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião*, 12, October, p. 13-30.

_____. Prosperity Theology: A (Largely) Sociological Assessment. In: SALINAS, J. Daniel (ed.). *Prosperity Theology and the Gospel: Good News or Bad News for the Poor?*. Peabody, MA: Hendrickson, p. 66-76, 2017.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

COX, Harvey. *O Futuro da Fé*. São Paulo: Editora Paulus, 2015.



D'EPINAY, Christian Lalive. *O refúgio das massas*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

DA CUNHA, Christina Vital. "Traficantes evangélicos": novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 15, p. 23-46, 2008.

FERNANDES, Marcos. Psicoterapia popular do Espírito Santo: hipóteses sobre o sucesso pentecostal na periferia de metrópoles periféricas. *Revista da Boitempo – Margem Esquerda*, n. 29, 2º semestre 2017.

GARRARD-BURNETT, Virginia. *A vida Abundante: A Teologia da Prosperidade na América Latina*. *Revista História: Questões & Debates*, Paraná, v. 55, n. 2, 2011.

GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*. Editora Attar Editorial, 2002.

HALÍK, Tomás. *A noite do Confessor: A fé cristã num mundo de incertezas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MARIANO, Ricardo. Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. *Revista Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 44, março 1996.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, São Paulo. Editora: Loyola. 1ª ed. 1999, 5ª ed., 2014.

MARIZ, Cecília Loreto. Pentecostalismo e a Luta contra a Pobreza no Brasil. In: GUTIERREZ, B.; CAMPOS, L. S. (eds.). *Na Força do Espírito*. Os Pentecostais na América Latina: Um Desafio às Igrejas Históricas. São Paulo, Aipral, 1996.

NOVAES, Regina Reyes. Pentecostalismo, política, mídia e favela. In: VALLA, Victor Vincent (ed.). *Religião e Cultura Popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 41-74.

NOVAES, Regina Reys. *Os Escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania*. *Marco Zero, Cadernos do ISER*, São Paulo, 19, 1985.

PRANDI, Reginaldo. Religião paga, conversão e serviço. *Novos Estudos Cebrap* 45, p. 65-77, 1996.

